APRESENTAÇÃO

A educação indígena, a educação de gênero, a museologia e a educação museal são temas emergentes em nossa sociedade e têm suscitado importantes pesquisas, análises e reflexões.

Após o ciclo de publicações, que teve como base o projeto “Edição Grupo de Estudos!” e que contou com a colaboração do GEERERI, GEP, GEA e GEMP, grupos de estudos e pesquisas mantidos pela Fundação Araporã, nesta edição, que inicia um novo ciclo, nossa proposta foi reunir, de forma livre, temas diversos relacionados as nossas áreas de interesse, a saber: Educação, Patrimônio Cultural, Arqueologia, Paleontologia, Museologia, Relações Étnico-raciais e Culturas Indígenas, buscando contemplar os eixos temáticos que apoiam o diálogo interdisciplinar e intercultural relacionados com questões voltadas aos povos indígenas – cultura, diversidade, cosmologia, territorialidades, educação, direitos, memória, identidade, patrimônio cultural, arqueológico, paleontológico, museológico e ambiental. Desta forma, após o convite para publicação e estruturação desta edição de nossa revista, as contribuições recebidas foram diversas e envolveram temas como a Arqueologia, Museologia e a Educação Museal, a Educação Indígena e Necropolítica, ego-política e negacionismo.

Estes temas se mostraram de grande relevância para as reflexões que desenvolvemos, dando continuidade, inclusive, às questões que já vimos discutindo desde nosso primeiro número, agora, contudo, colocando problemáticas e experiências mais recentes. Apresentamos, assim, a edição de número 11, volume 12 da Moitará, composta por 6 (seis) artigos.

ARTIGOS

No primeiro artigo intitulado **História e Culturas Indígenas nas Práticas Pedagógicas: Desafios e Possibilidades**, Silmara de Fátima Cardoso apresenta uma discussão a respeito do ensino de história e das culturas indígenas na escola, como preconiza a lei 11.645/08. Faz uma importante reflexão sobre os desafios enfrentados e possibilidades encontradas pelos (as) educadores (as) para o desenvolvimento de um trabalho realmente comprometido com a história e a educação indígena. Mostra a importância de romper com termos ou designações dirigidas aos povos indígenas, marcados por estigmas e preconceitos, e apresenta suas experiências com a prática da educação indígena na escola em que atua. Ao discorrer sobre cada atividade que desenvolve: oficinas, contação de história, apresentação de vídeos, rodas de conversa, visitas culturais etc., oferece modelos inspiradores de práticas pedagógicas e metodológicas para o trabalho de educação indígena na escola, bem como aponta as diversas possibilidades de ensino e seu uso no desenvolvimento das atividades pedagógicas.

O segundo artigo, de autoria de Simone dos Santos Pereira e Letícia Ribeiro Ferreira da Silva, cujo título é **As Vivências das Crianças da Cidade com os Estudos de Povos Indígenas:**

A lei 11.645/08 em Movimento, analisa as vivências de crianças da cidade com os estudos dos povos indígenas. As autoras apresentam as práticas pedagógicas elaboradas pelas educadoras e as relações estabelecidas no cotidiano escolar da Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Carolina Maria de Jesus, situada na cidade de São Paulo. O artigo, que tem como objetivo apresentar o currículo da EMEI, as práticas pedagógicas e as relações estabelecidas pelas crianças e comunidade escolar, é resultado de uma pesquisa etnográfica que contou com observação participante entre os anos de 2018 e 2023 e que utilizou registros em cadernos de campo, de imagem, de vídeo e de áudio.

O artigo cujo título é **Necropolítica, Ego-Política e Negacionismo Sob o Olhar de Ailton Krenak**, Letycia Rendy Yobá Payayá propõe uma discussão, um diálogo entre o discurso de Ailton Krenak apresentado no livro "Ideias para Adiar o Fim do Mundo" e a Necropolítica discutida durante a disciplina "Necropolítica e Desigualdades em tempo de Pandemia" oferecida pelo Programa de Pós-Graduação de Humanidades, Direitos e outras Legitimidades da Universidade de São Paulo, ministrada pela professora Zilda Marcia Gricoli Iloki e professores Venceslau Alves e Francione Oliveira Carvalho. Além de Krenak, a autora traz para o diálogo outros autores, tais como David Kopenawa; Eduardo Galeano, Marisol de la Cadena, Achille Mbembe e Ramón Grosfoguel, que oferecem importantes contribuições para a compreensão das questões propostas. O artigo elabora uma discussão interdisciplinar com esses autores e suas obras, utilizando como metodologia a revisão da literatura acadêmica sobre os temas: necropolítica, ego-política e negacionismo.

Na sequência, entrando no campo da Museologia, da Arqueologia e das Culturas Indígenas, o artigo de Sofia Helena Cardoso Rodrigues, Vera Lúcia Aguiar Moura e Pedro Paulo Abreu Funari intitulado **Museu, Arqueologia e Culturas Indígenas: Relato de Experiência do Museu da Cidade de Campinas** discorre sobre uma experiência no Museu da Cidade de Campinas/SP, que contou com a participação ativa de estudantes indígenas, possibilitando, assim, a partilha de experiências e reflexões a respeito de acervo etnográfico e arqueológico. O artigo problematiza a questão dos acervos museais, que nem sempre contam com a participação ativa dos povos que ali estão representados e destaca a "necessidade iminente da construção e aprimoramento de uma gestão verdadeiramente compartilhada entre os acervos, exposições e atividades pedagógicas, com as culturas de origem das peças e imaterialidades musealizadas. Reforça a "necessidade de participação ativa dos povos originários na escrita acadêmica de considerações sobre tais aspectos, de forma a quebrar a barreira de indígenas como objetos dos museus e objetos das investigações, mas sim sujeitos, fazendo ciência de seus modos."

O trabalho de Piero Alessandro Bohn Tessaro **Arqueologia Urbana (Moderna) no Contexto Brasileiro: Coleta de Dados e Análise Inicial** apresenta a arqueologia urbana no contexto brasileiro a partir de uma coleta de dados e uma análise preliminar sobre a produção acadêmica, para que oriente também o autorreconhecimento como um campo próprio que permitirá a ampliação das discussões teóricas e metodológicas dentro

do referido campo.

Em **Pré-História a História Sem Um Tempo: Descolonização do Tempo Pré-História**, Mário Mamede discute o tratamento que é oferecido aos achados arqueológicos originários de populações indígenas antes existentes nos espaços hoje ocupados por empreendimentos agrícolas, especialmente a cultura da cana-de-açúcar. Vistos apenas como coisas de “índios”, estes achados em sítios arqueológicos são tratados como algo sem valor e destruídos pelas empresas, desconsiderando-se totalmente sua importância para a compreensão do modo de vida e da história dessas populações ágrafas. Para o autor, isto se deve à falta de conhecimento a respeito desses povos e de todo seu legado por parte das empresas e dos empresários “que classificam todos de forma genérica como índios, o que pode ser um traço cultural carregado de extremo preconceito” e responsável pela discriminação sofrida por estes povos e suas histórias que são sepultadas no contexto de uma cultura eurocêntrica.